

São Paulo, 1 de Outubro de 2022.

Estimado Mário de Andrade,

O ano é 2022. Sim, Mário, te escrevo do futuro! Estamos vivendo tempos de obscurantismo terríveis. O fantasma do fascismo insiste em avançar a largos passos. Todavia, para nossa alegria, um alento para as nossas almas e corações: estamos celebrando 100 anos de modernismo! Dá para acreditar que já se passaram 100 anos desde que você, Oswald de Andrade, Di Cavalcanti, entre tantos outros artistas, igualmente importantes, organizaram uma das manifestações artísticas mais expressivas desse país?

Por toda parte há eventos rememorando as magníficas produções dos modernistas, tão marcadas pela nossa brasilidade. Em agosto, pude visitar a exposição “100 anos Modernos”, no Museu da Imagem e do Som aqui em São Paulo. Um labirinto super criativo, repleto de referências de 1922 e tudo o que ecoou desde então até chegarmos aqui. Quero que saiba que o trabalho de vocês rendeu muitos frutos e foi um marco na história do nosso país. Também tive a chance, e sou muito grata por isso, de participar de uma oficina organizada em quatro encontros, ministrada pela Professora Lígia Fonseca Ferreira, e, cuja temática era “Imagens Negras no Modernismo”. Soube, pela Professora Lígia, que você era um Africanista e, provavelmente, deve estar curioso para saber do que tratamos neste pequeno curso. Pois bem, vou lhe contar.

Claro que muito foi falado sobre você, suas ideias, trabalhos e relações com outros artistas, estudiosos, africanistas e antirracistas. Adorei conhecer a história de Nancy Cunard, que figura potente, corajosa e incrivelmente charmosa com suas pulseiras africanas. Conversamos sobre a troca de correspondências entre vocês dois, ela na França e você aqui, no Brasil, intermediado por outro estudioso das questões raciais e cultura negra (um uruguaio), a fim de que você colaborasse com um artigo para a revista que ela produziu. Mário, tive a chance de ver algumas imagens desta revista, incluindo a sua própria contribuição relacionada à música negra. Lemos uma carta sua a Drummond. Seu apreço e encantamento pela vida e pelas pessoas me emocionaram profundamente, bem como seu



interesse pela cultura negra, toda a diversidade e riquezas que a permeiam e também, infelizmente, o racismo. Você mesmo escreveu um relato sobre insultos racistas que você sofreu. Há um levante muito forte do movimento negro hoje, ainda estamos lutando pelas mesmas questões. Os avanços são lentos e demanda muita luta e vigilância para garantir que os pequenos progressos não caiam por terra. Arthur Ramos falou de uma cegueira, um não querer ver o quão este país está arraigado pelo racismo e isso me soou tão atual, mesmo tendo se passado 100 anos...

“Meu” prezado Mário, como você pode observar, ainda estamos elaborando e trabalhando para que nossa identidade/histórica nacional que muitos insistem em negar ou subjugar seja reconhecida e valorizada, mas sejamos sublimes, otimistas e continuemos firmes e fortes, afinal, como você escreveu ao jovem Drummond, “tudo está em gostar da vida e saber vivê-la”. :)

Talvez tenha me prolongado um pouco, mas foram tantas referências e não posso me despedir sem mencionar Tarsila do Amaral e seu chamado: “Abandona Paris! Tarsila! Tarsila! Vem para a mata virgem (...)”.

Mário, você foi tão incrível em todas as coisas que escreveu sobre o nosso País! Assim como Tarsila! Ela tinha um jeito muito dela, pessoal, carregado de memórias, do que viveu e viu, sob uma perspectiva de sua própria época (...). Analisamos a pintura *A Negra* (1923), comparando-a com o *Portrait de Madeleine* (1800), da francesa Marie-Guillemine Benoist. Conversamos sobre sua passagem por Paris, os artistas com os quais conviveu e possíveis influências na sua trajetória como pintora do nosso Brasil...

Foi realmente um prazer poder olhar a trajetória de todos vocês, Os Modernistas.

Um abraço de

Fernanda Maia.

